

TEATRO

# Fenda, de Rodrigo Francisco pela Companhia de Teatro de Almada

Domingos Lobo

Rodrigo Francisco, director da Companhia de Teatro de Almada (CTA) é, para além do seu trabalho como encenador de assinalável talento, um dramaturgo atento às questões estéticas e sociais da contemporaneidade (a *arte performativa*, que alia a autoria do texto *para a cena*, à sua transposição cénica), reflectindo no seu teatro as derivas de um tempo larvar, onde perpassa a usura, a competitividade sem regras, a amoralidade, o desencanto, a marginalidade, um mundo álgido em que os horizontes se fecham e a morte aparece como solução disruptiva, modo de negação face ao estupor que a realidade fermenta.

É este desassossego, o absurdo existencial que estão presentes nas suas peças anteriores, *Quarto Mingante* e *Tuning*, e que em *Fenda* atinge um mais amplo sentido crítico, social e político, num discurso que aborda um poroso universo, em que essas particularidades se extremam em violência e drama: o da informação televisiva.

Para além da reflexão sobre a *crise do jornalismo*, matéria que o autor aborda com assertiva e dialéctica perspicácia, colocando essa análise nas personagens Lourenço, Winni e Catarina, interpretadas, com irrepreensível comedimento e eficácia, por João Tempera, Mina Andala e Maria João Abreu, Rodrigo Francisco dá-nos o outro lado da sordidez desse universo de glórias efémeras, de esplendor e sujeição, dos meios que o capital põe ao seu serviço para que o domínio sobre os imaginários se estabeleça.

Será que o jornalismo precisa da democracia?, interroga-se com impudência Simão (interpretado com acerto por Diogo Dória), o dono da empresa (cujo

*Fenda,*  
de Rodrigo Francisco  
- Companhia  
de Teatro de Almada  
- Teatro Municipal  
Joaquim Benite,  
de 15 de Março  
a 7 de Abril



RUI CARLOS MATEUS

## Fenda reflecte sobre o mundo do jornalismo empresarial

possui, em paralelo, uma Fundação «caritativa», em Moçambique, como forma hábil de *lavar dinheiro*). Catarina tem consciência do meio (a televisão) e do jornalismo que nele se pratica, mas é frágil, traz das suas origens uma carga emotiva que a não deixa respirar, atormentada por remorsos, pela morte da mãe que não conheceu, que rejeitou para que esse passado, esse tempo

em que as pessoas já nasciam condenadas à miséria, a não impedisse de chegar ao topo da carreira, de ser reconhecida no supermercado.

Com uma relação instável com Winni, que não consegue dominar, Catarina apaixona-se por Lourenço, o filho do patrão. Paixão redutora e impossível, cindida, em arroubo dramático quase camiliano, pelas revelações de Paulo (verdade/mentira? O palco é um lugar de incertezas, diz-nos Jorge Silva Melo) e Catarina envilece, toma consciência de que viveu sempre uma quimera, que o seu passado lhe deixou a vida fendida, existe um fosso entre ela e esse tempo de sombras. Imponderável como a morte dos sonhos.

Simão sabe que o seu domínio é tentacular, que alguns jornalistas são meros artífices do seu poder, outros, descartáveis, e os que sabem demais, como Winni, podem seduzir-se com uma ilusória fatia de poder: *As caras conhecidas vão e vêm – nós ficamos*, os capitalistas, os que pensam possuir, para sempre, as chaves da usura.

Em *Fenda*, aparentemente, é o capital que sai vencedor desse jogo trágico: *Os funerais sempre me deram uma fome desgraçada*, diz Simão, deglutindo, sôfrego, o arroz de bacalhau. Mas já antes Diogo (João Farraia), filho de Catarina, nos desafiava com a inquietação que todas as mudanças civilizacionais transportam: *Se já não é a religião, nem a família, nem a política, então é o quê?* A pergunta fica no ar, cabe-nos encontrar resposta para a equação a que este magnífico espectáculo nos desafia.

De registar a implantação cénica, plena de significados, de Jean-Guy Lecat, que lê com impressiva eficácia o que no texto de Rodrigo Francisco há de denúncia e contestação de um tempo e seus perturbadores sinais.

MEMÓRIA

## Outubro de 1882 – Nasce Béla Lugosi, o Drácula



O actor húngaro Béla Ferenc Dezső Blaskó, conhecido por Béla Lugosi, nasceu em Lugos, no então Império Austro-Húngaro, actual Roménia, e tornou-se conhecido pela sua interpretação de conde Drácula, primeiro na versão teatral da Broadway do romance de Bram Stoker, em 1927, e depois na adaptação cinematográfica, em 1931, que fez dele uma estrela internacional. O que poucos sabem é que Lugosi, que até 1918 esteve ligado ao Teatro Nacional de Budapeste, foi um activista e dirigente sindical que lutou contra os baixos salários, pela melhoria das condições de trabalho e pela igualdade de tratamento dos jovens actores. Defensor entusiasta da Revolução de Outubro, Lugosi apoiou o Partido Comunista Húngaro, fundado em Dezembro de 1918, e o breve (133 dias) governo revolucionário de Bela Kun instalado em Março de 1919. O «terror branco» do governo contra-revolucionário que se seguiu obrigou Lugosi a fugir do país e a emigrar para os EUA. A aliança do ditador húngaro Miklos Horthy com Hitler, durante a II Guerra Mundial, foi denunciada e combatida pelo actor, que nos EUA se destacou na luta antifascista, ajudou a formar o Conselho Húngaro-Americano para a Democracia, e se bateu pelo resgate de refugiados húngaros e contra as restrições à imigração.